

# QUANDO A LETRA FALTA, O DIGITAL FAL[H]A: A FUNÇÃO DO ESCRITO

## WHEN THE LETTER IS MISSING, THE DIGITAL FAILS (SPEAKS): THE FUNCTION OF WRITTEN

Lucas Nascimento<sup>1</sup>

**Resumo:** o artigo apresenta o trabalho de escrita em textualidade digital, por meio de esforços linguísticos para produzir escrita e para colocar “ordem” discursiva de dois alunos do ensino fundamental, do 8º ano, e de um aluno do 3º ano do ensino médio. A finalidade é estudar *a função do escrito na materialidade do sentido* e sua relação com o funcionamento da memória discursiva na ordem dos discursos, por meio de dois processos: a repetição e a metaforiconimização. A partir destas duas incursões à produção escrita, os textos consistem em dois estilos ao agenciar singularidade. O estudo se justifica pelas mudanças na ordem discursiva oriundas da revolução do texto digital, no que se refere à técnica de difusão da escrita, à relação com os textos e à nova forma de inscrição (CHARTIER, 2002), com ênfase à produção de sentidos e à criação no ato de escrever. A hipótese é que a subjetividade na textualidade digital materializa facilmente a memória discursiva, dificultando o agenciamento de raciocínios mais elaborados, próximo a originalidade argumentativa e textual, o que não difere no texto manuscrito. Os procedimentos da Análise do Discurso de linha francesa (a partir de estudos de M. Pêcheux) e a interface que articula estudos em Linguística, Psicanálise e Educação são adotados como metodologia de trabalho.

**Palavras-chave:** escrita; função do escrito; subjetividade; textualidade digital; memória discursiva.

---

<sup>1</sup> Pesquisador em Análise do Discurso. Ministério da Educação. CAPES. E-mail: drlucasdonascimento@gmail.com



**Abstract:** the article presents the work of writing in digital textuality, through linguistic efforts to produce writing and to put discursive “order” of two students of elementary school, 8th grade, and a student of the 3rd year of high school. The purpose is to study the function of writing in the materiality of meaning and its relation to the workings of discursive memory in the order of discourses, through two processes: repetition and metaforiconimization. From these two forays into written production, the texts consist of two styles when acting singularity. The study is justified by the changes in the discursive order originating from the digital text revolution, as regards the *technique of writing diffusion, the relation with the texts and the new form of inscription* (Chartier, 2002), with emphasis on the production of meanings and creation in the act of writing. The hypothesis is that subjectivity in digital textuality easily materializes the discursive memory, making it difficult to arrange more elaborate reasoning, close to argumentative and textual originality, which does not differ in manuscript text. The French Discourse Analysis procedures (from the studies of M. Pêcheux) and the interface that articulates studies in Linguistics, Psychoanalysis and Education are adopted as a working methodology.

**Key words:** writing; function of writing; subjectivity; digital textuality; discursive memory.

## Introdução

*Escrever pode ser a oportunidade para se transformar só e somente só se aquele que escreve está disposto a pagar o preço de se perder para, só depois, se reencontrar em seu próprio texto. Inclusive, não é garantido que ele se encontre a cada peça produzida. Pode permanecer, por longo tempo, no limbo de não estar em lugar nenhum. Nem entra, nem sai.*  
(RIOLFI, 2011: 23.)

A temática do presente estudo é o trabalho de escrita em textualidade digital – ou seja, esforços linguísticos para produzir escrita e para colocar “ordem” discursiva – de dois alunos do ensino fundamental, do 8º ano, e de um aluno do 3º ano do ensino médio, com a finalidade de estudar *a função do escrito na materialidade do sentido* e sua relação com o funcionamento da memória discursiva na ordem dos discursos, por meio de dois processos: a repetição e a metaforiconização. A partir destas duas incursões à produção escrita, os textos consistem em dois estilos ao agenciar singularidade.





Com isso, o objetivo proposto é colher elementos que permitam dimensionar os componentes empíricos, cognitivos e psicoafetivos envolvidos na construção da autoria em contexto escolar, para, a partir disso, diagnosticar efeitos de sentido do escrito em espaço digital que movimenta/inscreve a memória discursiva, baseando-se nas marcas linguístico-discursivas e na criação textual. O estudo se justifica pelas mudanças na ordem discursiva oriundas da revolução do texto digital, no que se refere à técnica de difusão da escrita, à relação com os textos e à nova *forma de inscrição* (CHARTIER, 2002), com ênfase à produção de sentidos e à criação no ato de escrever.

Para o decorrer da investigação, proponho duas questões: (i.) qual a relação da memória discursiva com a função do escrito<sup>2</sup> no texto digital? e (ii.) por produzir em suporte eletrônico que possibilita recursos a fácil pesquisa, o texto digital apresenta escrita e leitura qualificadas, refinadas, apuradas? No contexto desses questionamentos, trabalharei com a hipótese de que a subjetividade na textualidade digital materializa facilmente a memória discursiva<sup>3</sup>, que dificulta o agenciamento de raciocínios mais elaborados, próximo a originalidade argumentativa e textual, o que não difere no texto manuscrito.

Os procedimentos da Análise do Discurso de linha francesa (a partir de estudos de M. Pêcheux) e a interface que articula estudos em Linguística, Psicanálise e Educação serão adotados como metodologia de trabalho. O ponto de partida será as seguintes contribuições lacanianas que por ora instigam o meu fazer analítico: a) *a letra é dejetivo*<sup>4</sup>; b) *no discurso analítico, temos que situar a função do escrito*<sup>5</sup> e c) *a letra, radicalmente, é efeito de discurso*<sup>6</sup>. Dito isto, o percurso de escrita aqui assumido demonstrará um trajeto movediço e escorregadio que eventualmente poderá levar a becos escuros e talvez sem saídas, fazendo àquele que escreve correr com seus melindres. No intuito de não ficar sozinho nesses becos, convido o leitor para encorajar-se ao caminhar pela escuridão a fim de, juntos, chegarmos sobressaídos aos dejetos das letras sem ter de escolher a corrida.

Na tentativa de diminuir as chances de corrida, o percurso demonstrado precisará ser tracejado passando por alguns pontos, a iniciar pela relação da Linguística e Psicanálise, recorrendo, mesmo que brevemente, a Saussure, a Jakobson e

---

2 Como produção criadora, inteligível, diferente do repetível.

3 Memória coletiva, não necessariamente seja senso comum, mas cristalizações sociais.

4 LACAN, Jacques. (1975-76). *O Seminário, livro XXIII*. O Sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. p. 162.

5 LACAN, Jacques. (1972-73). *O Seminário, livro XX*. Mais, ainda. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p. 32.

6 LACAN, Jacques. (1972-73). *O Seminário, livro XX*. Mais, ainda. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p. 41.





a Lacan, seguindo ao próximo ponto em que a letra e a função do escrito esperam a passada. Rumo às (falsas?) pistas da revolução digital, elucidadas à luz da textualidade eletrônica e da ruptura na ordem dos discursos, direcionará a memória discursiva na textualidade para a tão esperada chegada a função do escrito na formulação do discurso: a repetição do discurso capitalista e o processo de metáforas e metonímias. De certa maneira, espero que ao passar pela perturbação da escuridão não se tenham um leitor traumatizado e um autor resultado de restos metonímicos, nem culpados, embora sejam possíveis em expressão disfarçada do desejo, mas aquele leitor e autor responsável pelo seu gozo pulsionado ora por expressões de medo, ora por expressões de coragem.

## 1. Linguística e Psicanálise: Saussure, Jakobson e a leitura de Lacan

De certo modo, Lacan admirou Roman Jakobson ao ouvi-lo em entrevistas concedidas “nestes últimos dias” no *College de France*, diz o psicanalista em seu seminário de 19 de dezembro de 1972. A admiração é sobre o que possa “ter ouvido outro dia da boca de Jakobson, isto é, que tudo que é da linguagem dependeria da lingüística, quer dizer, em último termo, do lingüista” (LACAN, 2008: 22). Tal sentimento resulta da indagação psicanalítica de que é “difícil não falar bestamente da linguagem” e deixar de se alimentar de besteira. A indagação é no campo do próprio tratamento da/e com a linguagem para pensar a besteira como direito do discurso analítico.

Ao que se serve da linguística para pensar a linguagem e o discurso, serve-se do signo como aquilo que, a saber, é chamado de intersecção de “duas substâncias que não teriam nenhuma parte em comum”, conforme lógica de PortRoyal, “evocada outro dia na exposição de François Recanati”, diz Lacan (2008: 24).

Lacan, em sua revisão do encontro com a Linguística, a partir de Ferdinand de Saussure sobre a dupla face do signo linguístico e sua arbitrariedade, a composição de significado (a palavra em si) e o significante (a imagem acústica), vai da ciência da linguagem à *linguisteria*<sup>7</sup>. Isso para pensar a inversão do signo tratando a

---

7 Termo cunhado em 19 de dezembro de 1972 na aula intitulada A Jakobson, publicado no *O Seminário, livro XX. Mais, ainda*. p. 22. Linguisteria é palavra aglutinada de linguística e de histeria, contexto em que Lacan pensava nos estudos sobre a Histérica, de S. Freud, e sobre a linguagem, realizados por R. Jakobson. “Lacan pensava poder ler o deslocamento e a condensação freudianos com a metonímia e metáfora de Jakobson” (Comunicação oral de Claudia Riolfi em uma das aulas da pós-graduação, FEUSP, 2011/2).





letra em lugar do significado na proposição do significante sobre a letra. Nessa inversão, a supressão do significado não foi acometida, pelo contrário: o significado ganha reconhecimento cujo espaço se dá pela sua impossibilidade de divisão com o significante. Disso, esquematiza-se em

**Figura 1:** Da linguística à linguisteria (Jacques Lacan)

Linguística	Linguisteria
Significado	Significante
Significante	Letra

**Fonte:** elaboração própria

Sobre o signo, especificamente em relação ao significante, Lacan remonta aos ritos da tradição linguística dos estoicos, refletida de Santo Agostinho, para assegurar que “o significante é primeiro aquilo que tem efeito de significado, e importa não elidir que, entre os dois, há algo de barrado a atravessar” (LACAN, 2008: 25). Assim, baseado em alerta de Jakobson proferido um dia antes do seminário de Lacan, é entendido que a palavra não pode fundar o significante, pois ela pode fundar o dicionário onde é alistada.

## O psicanalista alude:

Não esqueçamos que, de partida, qualificou-se, erradamente, de arbitrária, a relação do significante e do significado. É assim que se exprime, provavelmente contra seu coração, Saussure – ele pensava bem outra coisa, e bem mais perto do texto do *Crátilo* como o demonstra o que há em suas gavetas, isto é, essas histórias de anagramas. Ora, o que passa por arbitrário é que os efeitos de significado têm o ar de nada terem a ver com o que os causa (LACAN, 2008: 26).

Por que “os efeitos de significado têm o ar de nada terem a ver com o que os causa”, poderíamos nos perguntar? Lacan responde apontando para a situação de que cada pessoa espera a relação do real a aquilo que o causa sendo por uma relação de aproximação e não de correspondência total, uma vez que a referência rateia. Ela é macroscópica. Desse posicionamento se tem a afirmação de que os efeitos de significado surgem de “um modo de coletivizar o significante”, “modo que pareça predicação”. Por isso, “o significante é besta” (LACAN, 2008: 27). Assim, o sujeito a dizer não pode dizer tudo, é ilusório, só pode ao dizer besteiras, dizer tudo. “Isso é tudo” (LACAN, 2008: 28)





Em 1972, ao dizer que a linguagem é besta, ao preconizar que dizer besteiras é que se diz tudo, Lacan sinaliza duas diásporas em relação a Jakobson: primeira, o seu interesse está no sujeito falante e, segunda, a ênfase está na enunciação. Isso o faz diferenciar, por exemplo, de Jakobson, para quem o interesse está na linguagem e o objeto de análise ser os enunciados. No entanto, do mesmo modo que os linguistas, Lacan fez a passagem do sentido literal à significância, ao que tem efeito de significado. Do mesmo modo que Frege, Lacan percebeu que o referente rateia. E afirmou que o significante é fundamento da dimensão do simbólico, como afirmaram os estruturalistas.

Com tais posições, não só de diásporas e de aproximações à Linguística fez Lacan. A ele coube tratar da especificidade do discurso analítico: introduzir a besteira! “O discurso analítico introduz um adjetivo substantivado, a besteira, no que ela é uma dimensão, em exercício, do significante” (LACAN, 2008: 27). Para compreender a dimensão do significante no discurso analítico, é preciso considerar substâncias, ao menos duas: a substância pensante e a substância extensa. Em relação à primeira, trata-se do pensar (eu *penso* – supor-se a si mesmo), modificado sensivelmente. Em relação à outra substância, refere-se exatamente aquilo que “muda totalmente a função do sujeito como existente”, como controlador da sua fala, da linguagem, isto é, o inconsciente. Diante desse reconhecimento resulta a afirmativa lacaniana de que “o sujeito não é aquele que pensa”, uma vez ser engajado surpreendentemente por aquilo que o faz dizer besteiras. O “aquilo” é exatamente um espaço entendido como parte, como integrante às partes. Desse modo, a substância extensa é um complemento da substância pensante (LACAN, 2008: 28).

As substâncias na dimensão do significante implicam na relação dizer e dito. Para Lacan, o dito autoriza atingir um certo real, “um certo real pode ser atingido” “por causa daquilo que vem ao dito como consequência” (LACAN, 2008: 28). Isto é a regra do jogo porque o dito não deixa de existir, não há desdizer quando o sujeito diz algo. O pensante e o agente por si mesmo – o inconsciente como aquilo que escapa – é da capacidade do significante que faz com *que o ser seja e que o não-ser não seja* (LACAN, 2008: 29). Talvez, resida aí a afirmativa de Lacan de que é o *Outro que goza*. A substância pensante e a substância extensa caracterizam o significante, de maneira que esta seja do domínio do inconsciente, o que faz com que o sujeito não tenha o controle do dizer embora considere ter, e aquela, do domínio do consciente. Disso, sabe-se que quem *goza* é o inconsciente – é o não-todo – sendo que as evidências da linguagem são opacas e a matéria residual, o simulacro.

Nesta última articulação da substância se tem a causa do gozo, a causa material que possibilita a interpretação, a análise. A ilusão de controle nessa dimensão substancial é possível de encontro quando, da primeira, se tem o enlace correspondido pelo “o outro pólo do significante, o sinal de pare, lá está, tão na origem quanto o pode estar





o vocativo do comando”, ou seja, a enunciação (LACAN, 2008: 30). Esse outro pólo do significante – a chamada substância pensante – é da ordem da gramática, em que o comando da ordem é formal em momento que o gozo se limita. Assim se dá o limite do gozo do inconsciente como gozo no ser falante. A gramática corresponde o ponto de dizer chega ao gozo, momento em que vestígios do caminho gozante são passíveis de interpretação. “Pode-se mesmo dizer que o verbo se define por ser um significante não tão besta [...] quanto os outros, sem dúvida, que faz a passagem de um sujeito à sua própria divisão no gozo, e que ele o é ainda menos quando, essa divisão, ele a determina em disjunção, e assim se torna signo” (LACAN, 2008: 31). Agora, não se sabe exatamente quando é o momento certo para a batida “gramatical” que interceda a substância extensa, que interceda o gozo a ponto de lhe pôr limite. O que se sabe é da existência daquilo que Lacan chamou de troca de discurso:

Troca de discurso – isso mexe, isso os, isso nos, isso *se* atravessa, ninguém marca a batida. Canso de dizer que essa noção de discurso deve ser tomada como liame social, fundado sobre a linguagem, e parece então não deixar de ter relação com o que na lingüística se especifica como gramática, nada parecendo modificar-se com isto (LACAN, 2008: 24).

Dessa noção do significante como primeiramente ter efeito do significado acoplado por substâncias refere-se ao que Lacan entende por signo quando falou a inexistência de se ter algo de barrado entre significante e significado. Exatamente é esse o ponto divisor entre a psicanálise e a linguística saussureana.

Passando da noção de signo para a noção lacaniana de discurso, entende-se discurso como estrutura marcada pelo social. Qual seria, então, o seu lugar de morada? O lugar de residência da estrutura localiza-se correspondentemente pela a troca de discurso ser o momento que ninguém marca a batida, mas a batida se dá por si, atravessa-se, sem avisar, convocando efeitos de sentido na enunciação de um falante. O lugar da estrutura no incontrolável movimento do discurso é – na relação significado e significante – materializar-se na sintaxe da letra onde falta o referente unívoco, mas onde reside o significante que se diferencia.

O entendimento da estrutura discursiva mergulhada pela linguagem e banhada pela malha social aproxima-se o dito de Lacan (anos 70) ao reconhecido texto de Michel Pêcheux (anos 80), *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Perguntaria o leitor, rodeado de medo e assombrado pela escuridão, o porquê da interlocução possível? A resposta não envolta apenas por ambos serem franceses, mas envolta sim por o social, para o primeiro autor, ser o liame do discurso assim como, para o segundo, o acontecimento enquanto encontro possível de uma atualidade e uma memória na estrutura.





Para Michel Pêcheux, o discurso é um movimento na linguagem em que o seu batimento permite a descrição e a interpretação. Nesse movimento, o lance é sacar indícios de descrição e de interpretação, em que a batida certa é exatamente os indícios como pontos de decifração. Esse batimento é pertinente por o acontecimento na estrutura questionar o funcionamento da linguagem e da história na produção dos sentidos, colocando em causa a estabilidade tanto do sistema da linguagem quanto da continuidade da história.

Essa natureza histórica do acontecimento discursivo só é possível porque há algo na estrutura da linguagem – na materialidade sintática da língua – que constitui e que possibilita os jogos materiais entre a atualidade e a memória. Observando o enunciado *on a gagné*, Pêcheux nos mostra que ele tem uma forma material e que seus elementos prosódicos, léxico-sintáticos e semânticos – isto é, sua *estrutura* – produz efeitos de sentidos. Em primeiro lugar, trata-se de um grito típico das torcidas nos estádios esportivos, com uma entonação, um encadeamento sonoro particular – e foi dessa maneira que o povo o gritou na rua, no acontecimento político. Transferido dos estádios para a política, essa forma material adquiriu um sentido logicamente estabilizado: afinal, em uma partida de futebol não se pergunta o que se ganhou; transferido para a política, tornou-se uma asserção verdadeira, sem equívocos.

Analisando a estrutura linguística é possível verificar que ele possui um sujeito indefinido (*on*), o uso do tempo passado e do aspecto do *perfectum* (*gagner - a gagné*) e tem, além disso, a ausência do complemento. Por ter sido deslocado do campo do esporte para a política estabilizou-se semanticamente, elidindo, do campo da política, determinadas perguntas como: “Quem ganhou?”; “Quando?”; “O que se ganhou?”. Essa estabilização que se marca nas formas gramaticais revela certa maneira de se pensar a política, naquele momento histórico. Nas formas, portanto, estão materializados os sentidos.

As elisões do político estão materializadas na estrutura do enunciado *on a gagné*; cuja materialidade e historicidade são inseparáveis: não há, de um lado o histórico e de outro o linguageiro. A própria estrutura é o lugar onde se produz a possibilidade do deslocamento e do equívoco. O intradiscursivo (estrutura) entrecruza-se com o interdiscursivo (o acontecimento) para produzir efeitos de sentido. Os sujeitos que enunciam são, assim, a um só tempo, duplamente determinados: o jogo nas regras e com as regras. Eles agenciam, ao mesmo tempo, a felicidade da simetria (a possibilidade da regulação, da regularidade) e o drama da abertura de cada palavra.

Desse entendimento do discurso como estrutura e acontecimento derivam algumas questões metodológicas que orientam os analistas do discurso a partir dos anos 1980 e que são essenciais para os trabalhos atualmente: sensivelmente localizar o momento suscetível de leitura (*descrição e interpretação*) no movimento do discurso.







Para isso, busca-se uma possibilidade de interlocução a respeito do discurso entre a estrutura lacaniana, composta de termos e de lugares, considerando Lacan ter recorrido à linguística estruturalista para compreendê-lo, e a premissa de Pêcheux de que a psicanálise atravessa a análise do discurso acerca das questões da subjetividade.

## 2. A letra e a função do escrito

Considera-se relevante “olhar mais de perto” as considerações de Lacan sobre a letra e a função do escrito, pelo fato do fenômeno clínico que dá origem à noção de discurso ser a compulsão à repetição enunciativa. Para o psicanalista, há uma questão necessária: *trata-se de saber o que, num discurso, se produz por efeito da escrita* (LACAN, 2008: 39). O tal efeito funciona como vestígio no que se pensa a respeito da ordem do discurso. Ele é o ponto de suscetibilidade para o certo encontro de descrição e de interpretação. O vestígio funciona como passo a descrição de (elementos) escrita e ao passo de interpretação de escrito. A diferença do *a* e do *o* na palavra escrita é aquela estar para a sintaxe da língua, o registro da estrutura gramatical, e este estar para o efeito, o que corresponde ao movimento inscrito à letra. A ordem discursiva resulta do esperado equilíbrio entre *a* escrita e *o* escrito.

Quando se fala em *equilíbrio* e em *encontro* anunciam-se haver pontos, no plural, de localização do discurso. Justamente se tem o significado como *um* algo e o significante como *um* algo também – que não tem nada a ver um com o outro, somente a ver que ambos são espontâneos – Lacan afirma se ter possivelmente nada mais do que a escrita, a leitura do significante e não a leitura do significado, porque *o significado não tem nada a ver com os ouvidos* (LACAN, 2008: 39) O que se ouve é o efeito escrito da imagem, é a imagem escrita na letra, pois *o que se ouve é significante* (LACAN, 2008: 39). Tudo isso funciona por um combustível que possibilita o liame, o laço: o social. Assim, o encontro falado surge de duas conotações: o escrito, *lugar do significante*, e a escrita, *lugar do significado*. Os lugares como espaços da conotação só existem no território do discurso, só são criados pelo *próprio discurso*. *Cada um em seu lugar, isto só funciona dentro do discurso* (LACAN, 2008: 39).

À exemplificação, pode se pensar na relação gramatical entre substantivo abstrato e substantivo concreto – como categoria da variação – em que nem para um nem para o outro se tem a mesma correspondência de elemento (substantivo) quando para a existência dos dois precisa da construção da imagem representacional, precisa do efeito do discurso. A ilusão do sujeito em considerar a abstração como prova vaga e difícil de sustentabilidade e o concreto como prova sustentável se dá pela facilidade compreensível desta materialidade em vista daquela. Na relação *abstrato* versus *con-*





creto a implicatura está para o imaginário e para o simbólico, respectivamente, de modo que ao abstrato demanda interpretação e ao concreto a já-significação.

Para enfrentar esta implicatura, o sujeito pode construir o sentido pelo caminho da abstração, caminho de elaboração difícil e considerado por muitos como desnecessário, ou pode facilmente suportar a tendência do assujeitamento ao sentido, do símbolo já cristalizado e do raciocínio de compreensão rápida. A materialidade do sentido que leva em consideração o testemunho da alienação e o agenciamento da coletividade em massa, diretamente relacionado ao abandono do próprio, do particular e do diferente, corresponde de outro modo àquele em que o sentido perpassa a materialidade da abstração, agenciamento o qual permite a construção de metáforas; de associações criativas não aprisionadas a restos metonímicos influenciados do discurso do Outro, consumidos do discurso capitalista, ou disfarçados do discurso religioso, por exemplo; bem como o modo que permite a construção de posição subjetiva singular autenticada por raciocínios delineados em certa direção no fio do discurso.

Até o presente momento, o que é próprio do discurso é ter o efeito como um risco constitutivo, refletidamente da ordem da conotação – isto é, da associação subjetiva, cultural e/ou emocional, que está para além do significado estrito, referencial. Por isso, o caráter conotativo compreende o que se reserva a negação. A negação no que diz respeito à existência de algo que é possível. Em si, ela comporta a abertura. Na relação significante (S) e significado (s), a barra existente para a linguística, por exemplo, Lacan diz ser o que possibilita a explicação. A enunciação do interpretável, da leitura do significante, do escrito. Se fosse compreendido todo e qualquer escrito não haveria a explicação, que comporta sempre o algo *mais, ainda*. “A barra é precisamente o ponto onde, em qualquer uso da língua, se dá a oportunidade de que se produza o escrito” (LACAN, 2008: 40). Ao contrário, a denotação é ilusória, é mascarada, é prototípica.

A barra está na medida em que “o que ela faz valer já está marcado pela distância da escrita” (LACAN, 2008: 40). Se em Saussure há a barra como marca entre S e s, há como marca dos efeitos do inconsciente. A barra é o suporte do possível gozo do Outro assim como a letra é o suporte da escrita, mas suporte este que não comporta todo o escrito. Em sua natureza, a letra não comporta em si todo o escrito. Comporta apenas resquícios. Sobras. Tanto não suporta todo o escrito que a explicação se faz presente, tem sua vez. Entende-se que não é pela explicação ter sua presença que se imputará todo o escrito congregado na letra. A relação não é de totalidade, pois não é a enunciação a responsável do preencher a falta. A falta é inerente a letra. É o furo na escrita que aponta algo de escrito. Embora se busquem letras escritas para explicar o escrito elas faltam, são ausentes. A ausência circunscreve o espaço do furo. Mesmo a explicação ser presença, o que ela possibilita é mascarar o escrito com efeito ilusório de completude. A ilusão é cega. E o furo não aponta direção para o seu fechamento.





Para Lacan, o efeito de discurso é feito da letra por “a linguagem se aperfeiçoar quando se trata de jogar com a escrita”. Na letra, “o significante vem recheiar o significado” (LACAN, 2008: 42). Fazer o significante recheiar o significado, ou a abstração contemplar o concreto, ou o imaginário reverter o simbólico, é que algo escapa, é que algo se torna furo. O escapamento é responsável por algo não apreensível, é resultado de uma combustão de ideias, resultado de reação dos efeitos do inconsciente, que são calorias motrizes ao escrito. Por isso, apenas *a letra é dejetivo* (LACAN, 2007: 162).

Para entendermos a relação da letra com a função do escrito, tomaremos os exemplos citados pelo autor. O caso de as abelhas transportarem o pólen de uma flor para o pistilo de outra pelas pontas de suas patas, ou o caso de um grupo de pássaros que voa baixo, tem a garantia da leitura, no primeiro, como estar à serviço de reprodução das plantas fanerógamas, e, no segundo, estar como aviso de tempestade. A questão é será que as abelhas sabem do que fazem e os pássaros sabem o que avisam, ou só é possível à leitura humana? A resposta trata-se de que os animais não leem, todavia fazem aquilo que é de suas funções, correspondendo só para a possível dimensão da leitura, de alguém que lê, pois o que deles se tem é a leitura do significante, é o que de escrito eles dispõem em encontro, em oportunidade de decifração. Não do mesmo modo dos animais, o homem tem a letra como símbolo de um sistema ortográfico, como incitação à leitura, como lugar da falta e da falha, pois nem sempre ele garante o encontro, mas só garante o lugar infernal de onde se perder.

### 3. A revolução digital, a textualidade eletrônica e a ruptura na ordem dos discursos

A metáfora do título no início deste texto de que quando a letra falta o digital fal[h]a de fato precisa o trabalho de escrita como produção solitária imposta “a passagem de uma subjetividade” (BELINTANE, 2006: 97), indicando não só a restrição da ausência ortográfica de uma letra no suporte digital, por exemplo, funcionar como incoerência de escrita mas também a ausência de esforços em trabalhar a escrita digital como escrito de si e de algo. A fala da falha é a evidência da posição mortificada de um significante, indício do escrito onipresente, da letra abortada.

Mergulhar no “novo “congresso do mundo” tal como é construído pela comunicação eletrônica” (CHARTIER, 2002: 15) é fácil e simples. Por isso, investigar a produção escrita em suporte eletrônico, em vida (constituição) digital, virtual, e quais são as suas implicações (mínimas ou necessárias?) no contexto educacional pertence ao gozo que me move a pesquisar.



Frente à comunicação eletrônica, há mutações ou rupturas oriundas pela revolução do texto digital, que, consoante a Chartier (2002: 21-2), a primeira delas centra-se na ordem dos discursos de modo a “se estabelecer a partir da relação entre tipos de objeto [...], categorias de textos e formas de leitura”. Para o autor,

É essa ordem dos discursos que se transforma profundamente com a textualidade eletrônica. É agora um único aparelho, o computador, que faz surgir diante do leitor os diversos tipos de textos tradicionalmente distribuídos entre objetos diferentes. Todos os textos, sejam eles de qualquer gênero, são lidos em um mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são decididas pelo leitor). Cria-se assim uma continuidade que não mais diferencia os diversos discursos a partir de sua própria materialidade. Surge disso uma primeira inquietação ou confusão dos leitores, que devem enfrentar o desaparecimento dos critérios imediatos, visíveis, materiais, que lhes permitiam distinguir, classificar e hierarquizar os discursos (CHARTIER, 2002: 22-3).

Diante disso, uma ‘tríplice ruptura’ é provocada no mundo eletrônico, como: 1) “propõe uma nova técnica de difusão da escrita”, 2) “incita uma nova relação com os textos” e 3) “impõe-lhes uma nova forma de inscrição”. Tudo por “uma revolução da modalidade técnica da produção do escrito, uma revolução da percepção das entidades textuais e uma revolução das estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita” (CHARTIER, 2002: 23-4). Pela tríplice ruptura, apresentamo-nos acerca de novo desafio no que diz respeito ao ato de escrever em suportes eletrônicos e a relação forma-discurso (estrutura-acontecimento) na materialidade escrita em espaço digital. Tal desafio projeta-nos – no ensino e na pesquisa – para investigações de diversas ordens. Dentre algumas, este texto propõe investigar a função do escrito na ordem discursiva, na subjetividade, pela sua marca, seus traços na letra, na produção escrita de sujeitos alunos em desenvolvimento de suas propriedades fundamentais, ao passo da memória possibilitar a inscrição condizente (ou não) com o seu estilo próprio.

#### **4. A função do escrito na formulação do discurso: a repetição do discurso capitalista e o processo metaforiconímico**

O procedimento de seleção do “texto digital” envolve dois passos básicos: a captura do arquivo com vida digital útil (tanto em recurso virtual quanto em dispositivos de memória) e a definição corporal com área de textualidade que consiste na constituição do corpo textual em informação digital. O primeiro passo consiste na navegação digital em pesquisa de materiais com alvo depen-



dentemente dos objetivos da pesquisa e do intuito do pesquisador e o segundo passo consiste na aplicação de um recurso do teclado (*print screen*) ou da tela (*touch screen*) que “captura” o corpo textual em informações visuais (ou seja, linguagem armazenável e legível). Neste caso, a tecnologia está envolvida na captura e transformação da área definida em corpo textual para a leitura digital.

De fato, o digital só é texto quando permite acesso a sua textualidade por meio de análise com base em teoria linguística, caso contrário, tem-se escrita a qual não se pode reconhecer com função de escrito. A diferença do primeiro passo ao segundo é apenas, naquele momento, a existência de imagens de texto, cuja função é semelhante ao fotografar. Por isso, a sutileza do pesquisador entra em questão na composição do arquivo, pois com a imagem de um texto não garantidamente se tenha texto digital, isto é, um arquivo de página escrita, que resulta da primeira captura, por exemplo, nada mais é que uma fotografia digital, uma vez que só será reconhecida “texto” quando o leitor humano investigar a existência de investimento produtivo de escrito na letra. Do ponto de vista analítico, para considerarmos um texto como “texto digital”, ele deve consistir em informações que permitem reconhecer um trabalho de escrita investido para a sua produção e para a forma de sua inscrição; a utilização de estratégias textuais e discursivas; a inscrição de marcas singulares; a presença de enunciação e de textualidade; a progressão temática e a distinção de discursos.

Para o procedimento analítico, recortes em textos visualizados por *print screen* serão compostos por procedimento metodológico. O *corpus* de pesquisa foi definido por dois arquivos. O primeiro constitui duas escritas intituladas *Os Piratas Vencem Novamente*, de 23 de outubro de 2007, e *Incidente em Antares – Érico Veríssimo*, de 17 de setembro de 2007, assinadas por dois alunos do ensino fundamental correspondentes a duas aulas de redação, em escola gaúcha. A postagem é da dupla de alunos em página virtual de blog, criada especificamente para a produção e publicação de redações escolares. O outro arquivo é composto por escrita identificada com o título *Solidariedade*, postada pela instituição de ensino, na baixada fluminense, no Rio de Janeiro, ação integrada a projeto de redação no ano letivo de 2011.

Tendo o recorte, em *layout* ou *print screen*, pretendo ler o texto digital e investigar alguns passos de análise, como os seguintes: a) o trabalho de escrita investido para a sua produção e a forma de sua inscrição; b) as estratégias textuais e discursivas utilizadas; c) as marcas singulares inscritas; d) a enunciação e a textualidade construída; e) a presença de progressão temática; f) a diferença da produção do texto de outros textos; g) o efeito de continuidade discursiva que diferencia (ou não) os diversos discursos; h) a circulação de discursos.

## Arquivo 1



Fonte: <http://jezfiredacoes.blogspot.com/>

Atentando-nos para o texto *Os Piratas Vencem Novamente* (visto acima, postado em terça-feira, 23 de outubro de 2007), vejamos uma forma de inscrição dos autores na escrita de modo a transitar com a temática e com a intenção de responsabilizar o leitor. De modo a levar aquele diante da leitura à responsabilização de melhorar a situação discutida, a atenção do leitor é calculada para a fixação nos discursos do texto com a frase declarativa afirmativa inicialmente apresentada: *Os games piratas ganharam mais uma vez na disputa contra os originais*. Percebemos essa constatação na soma do emprego *mais uma vez* e a materialidade linguística posterior *alimentado por você*. Esta sequência discursiva posterior a apresentação de dado estatístico alarmante (sem fonte), forjado e fragilizado por incredibilidade à ausência de fonte, tem a função de afirmar a consolidação da vitória dos games piratas.

Vejamos também a progressão temática, se pode dizer que a tenha, organizada pela estratégia de textualidade causa e consequência, demonstrando a alta taxa dos impostos nos preços dos produtos jogos eletrônicos e a não fiscalização do governo no mercado informal, gerando a situação de *Grandes lojas têm ajudado os piratas, indicando lugares onde é possível desbloquear o aparelho, coisa que aparece também na internet, e ajuda a aumentar a pirataria*.

Parece-nos que o acontecimento discursivo dos autores é constituído por uma memória discursiva (coletiva e apreensível no discurso) de não alimentar o mercado informal de venda de produtos, haja vista a construção do texto ressoada por um discurso “do ato de compra/consumo politicamente correto”. Desse modo, como disfarce

de trabalho de escrita, os autores investem na ressonância do discurso capitalista para causar no leitor a necessidade de ele agir a fim de melhorias na realidade do mercado formal de games (à procura da compra legal), reproduzindo o discurso de mercado, da ideologia capitalista focalizada no consumo visando o lucro. Nessa batida discursiva o que aparece são restos metonímicos em que sequer os autores demonstram a parceria de “eu” e “tu” para a esperada ação de “nós” melhorarmos o quadro da compra ilegal. Nesse sentido, a ação politicamente correta de consumir games originais é saber cristalizado da sociedade elitizada e comercial, de modo a funcionar como memória discursiva coletiva impregnando na escrita e na leitura do aluno.

Observemos, ainda, a distinção de discursos entre a informação dada, com intuito de identidade argumentativa, a referência ao leitor e a construção de apelos. Em *Agora, os fabricantes têm se unido com o governo para combatê-la, e eles precisam de você. Vamos parar com isso!*, o advérbio agora tem a circunstância de modalização temporal para soar como no presente momento a união dos fabricantes com o governo promova fazer algo. O efeito de tempo real atualiza uma memória, pouco creditada, de que o governo faça efetivamente algo em questões sociais, como se trata o mercado informal. Logo, a repetição discursiva da ideologia de mercado tem seu espaço impregnado visivelmente na sintaxe da língua na passagem oracional *Agora, os fabricantes têm se unido com o governo para combatê-la*, na soma operatória dos substantivos masculinos *fabricantes* e *governo*.

O apelo *Vamos parar com isso!* é tipicamente de redação escolar que conclama a união de todos para solução de problemas das mais diversas ordens. Engana-se pensar que o verbo empregado em primeira pessoa do plural tem efeito inclusivo, de incluir o “eu” naquela ação devida ao “Outro”. O “nós” é falseado pela prova gramatical anterior em *e eles precisam de você*. A marca epistêmica do verbo *precisar* que causaria no discurso efeito de maleabilidade e de possibilidade não funciona na oração porque é acompanhada pelo objeto indireto *de você* no lugar do objeto *de nós*, que deveria presentificar se o intuito fosse a inclusão de si na ajuda ao combate. Esse equívoco de sintaxe completiva verbal mostra o real da língua (PÊCHEUX, 2002), o impedimento da identificação de ajuda do sujeito escritor ao sujeito leitor. O espaço *de você* é o ponto marcante do impossível retorno a se ter o objeto de sentido “nós inclusivo”. A escrita é *e eles precisam de você*. e não *e eles precisam de nós*. A diferença recai no efeito do escrito. Na leitura realizada do significante. O dejetivo daquelas letras apresenta a referencialidade só ao outro, assumida pelo pronome “você” que vigora – ao menos no imaginário de quem o escreveu – a todo o leitor a responsabilidade de agir para inverter o dado estatístico de *Hoje, no Brasil, a cada dez jogos, 9 são piratas, e esse mercado cresceu 1600%, em 2005, alimentado por você*.

A outra escrita, que deixarei suspensa de análise, intitulada *Incidentes em Antares – Érico Veríssimo*, é uma sinopse curta sobre a instigante narrativa de duas



famílias rivais, em uma cidade imaginária. O texto do poeta gaúcho foi redigido na época da ditadura no Brasil tratando-se metaforicamente do próprio acontecimento militar. Só destacarei o atravessamento interdiscursivo da memória midiática inscrita à produção sinóptica: *Foi criada uma minissérie na TV Globo em 1994, com Fernanda Montenegro e Paulo Betti nos papéis principais.*

## Arquivo 2

**TEXTO 1 / VÍDEOS – solidariedade – 3º ano E.Médio**  
Postado por ABEU Colégios

1 Curtir 0 Tweet

**Solidariedade**

"Há uma maravilhosa lei mítica da natureza que diz que as três coisas que mais desejamos na vida – felicidade, liberdade e paz de espírito – são sempre obtidas quando as damos a outrem." (Peyton C. March)

Leia a narrativa abaixo e veja que "NÃO CUSTA NADA" ser solidário e, com isso, fazer a diferença.

A casa era maravilhosa. Minha mulher e eu ficamos muito entusiasmados quando a encontramos. Depois de cinco anos vivendo em um pequeno apartamento, e com um bebê a caminho, era hora de finalmente ter uma casa com um quintal de verdade.

Passamos a manhã carregando o caminhão de mudança e fazendo a limpeza final do apartamento. Eu preferia encerrar o dia por ali, mas sabia que tínhamos apenas algumas horas para descarregar a mudança na nova casa e devolver o caminhão para evitar mais um dia de aluguel.

Estacionei o caminhão de ré e levei as primeiras caixas para dentro da casa. Eu não fazia a menor ideia de como conseguiria descarregar tudo antes das 5 da tarde. Ao passar pela porta para buscar a próxima carga de caixas, quase fui derrubado por uma cadeira em movimento. Segurando a cadeira estava uma adolescente desdobrando-se em desculpas: "Desculpa", disse ela, "não fiz de propósito. Vi sua mulher grávida lá fora e pensei que vocês pudessem precisar de ajuda".

Depois disso, percebi uma fila de caixas entrando na casa, todas carregadas por vizinhos sorridentes e que nem conhecia. Minha mulher começou a correr pela casa para organizar as coisas.

Eu mal carreguei outras quatro cargas, e em menos de meia hora o caminhão estava vazio. Sem dúvida, tínhamos encontrado a casa dos nossos sonhos e os amigos de nossas vidas.

"A vida que influencia por bem ou por mal influenciará outra vida que, por sua vez, influenciará outra, e quem sabe onde a influência para... minha influência far-se-á sentir."  
Frederick Buechner- 1926 – educador, escritor, teólogo.

(Texto publicado em <http://www.umavidamelhor.org/>)

Agora assista aos vídeos e, depois, deixe seu comentário!

**Solidariedade**

**Solidariedade**

Fonte: <http://www.uniabeu.edu.br/blog/projetoredacao/>







Nessa produção escrita digital, o tratamento textual é outro, diferentemente do trabalho de escrita do arquivo 1 em que se trata de um texto opinativo. Aquele trabalho de não-opinião sinalizou a colagem da memória social circulante de determinada esfera ideológica, resultante em escrita escolar comum que, aos passos de um suor sem odor, trabalha a repetição do discurso estabilizado, sem esforço sofrido para produção singular. “Expressar a singularidade não é nem adotar uma posição crítica contra tudo e contra todos; nem tomar o gosto pessoal como desculpa para uma posição de, digamos, um pan-textualismo orgiático, muito menos ser excêntrico” (RIOLFI, 2011: 16), mas gerar energia para que um trabalho seja produzido com criação e não para falsear a combustão pela repetição no que já se tem.

No caso, o arquivo 2 trata de um texto narrativo com a apresentação das partes que o compõem, elucidando o tema exigido na tarefa de redação: “NÃO CUSTA NADA – Pequenas atitudes que podem melhorar a vida de todo mundo”.

Parece que o projeto de texto, se assim metodologicamente o foi realizado, implicou a complementaridade dos vídeos assistidos com a escrita no efeito do escrito, de modo a deslumbrar este seu efeito. Neste caso, há, de outro modo, a repetição do funcionamento discursivo das imagens e vozes presentes nos vídeos, materializada verbalmente na narrativa do aluno e marcada por processos de *deslocamento* e de *substituição*. O primeiro, para Jakobson (2007), está no plano metonímico, que possibilita a correspondência do manter o contato, e o segundo, no plano metafórico que comporta a imbricação do ter a linguagem. Referindo-se especificamente à sintaxe da língua, e não ao nível do discurso, embora este tenha a vida dependente no corpo daquela, o caráter de seleção e de combinação do estoque lexical, grafema e fonematologicamente dizendo, permite a linguagem corporificar àqueles processos por concorrência, ou por concatenação. No que se refere ao *desenvolvimento de um discurso pode ocorrer segundo duas linhas semânticas diferentes*: um tema pode levar a outro quer por metáfora quer por metonímia (JAKOBSON, 2007: 55). Esses dois tipos de reações são, *de um lado, uma contiguidade posicional (vale dizer, sintática); de outro, uma similaridade semântica*. Alternativamente, a predominância desses processos – ora um, ora outro – “não é de modo algum exclusivo da arte verbal”, da morfologia, da sintaxe, mas do estilo pessoal que envolve gostos e preferências lexicais vivificados no plano do discursivo, da manipulação conectiva metaforiconímica (relação metafórica e metonímica), por justaposição e alternância, respectivamente (JAKOBSON, 2007: 56).

Na perspectiva do discurso analítico, o sintagma que evidencia a ação de ajuda de uma adolescente explicita a função da letra na narrativa que corresponde o efeito do discurso imagético e a enunciação repetível na função do escrito, conforme a seguinte passagem:





Estacionei o caminhão de ré e levei as primeiras caixas para dentro da casa. Eu não fazia a menor ideia de como conseguiria descarregar tudo antes das 5 da tarde. Ao passar pela porta para buscar a próxima carga de caixas, quase fui derubado por uma cadeira em movimento. Segurando a cadeira estava uma adolescente desdobrando-se em desculpas: “Desculpe”, disse ela, “não fiz de propósito. Vi sua mulher grávida lá fora e pensei que vocês pudessem precisar de ajuda”.

Consideramos que a condição do discurso na narrativa estabelece a relação com os vídeos, de modo a oferecer encadeamentos reflexivos metafóricos para o trabalho de escrita. Isso aponta uma das novas técnicas da escrita a partir da relação com imagens e vídeos, com outros materiais oferecidos pelo suporte eletrônico.

As imagens, assim como o texto verbal, em seu caráter compósito, não dizem pela evidência, não podem ser lidos como provas documentais, mas como uma construção discursiva que admitem diferentes paradigmas de leitura. Um paradigma de leitura pode ser apreendido a partir do sintagma “pensei que vocês pudessem precisar de ajuda”, que propõe ao leitor um percurso de leitura da solidariedade em sua continuidade e coerência, na qual as imagens nos vídeos atuam como discursos que atestam a ação de ajudar.

Ressaltamos que o efeito de complementaridade dos vídeos e das imagens não qualificaram melhor a escrita no dado 2. O que demonstra como escrita qualificada e leitura refinada é o trabalho sofrido evidenciado pela singularidade na função do escrito. Para o efeito ressoar na escrita como produção criadora, inteligível, precisa ser diferente do repetível, precisa demonstrar que movimentou a criatividade, o estilo próprio, o esforço para um raciocínio singular a partir de ideias e de outros textos imagéticos interdiscursivamente atravessados na produção do discurso pelo registro da letra.

Nem um, nem o outro dado sinalizou a escrita do aluno como singular, embora se observe o esforço no segundo arquivo que não se chega à singularidade. O momento do esforço é oportuno para invocar a vida e direcionar o caminho certo, e não para servir a chegada em lugar nenhum. Para analisarmos a letra como efeito de discurso na atualidade, sabendo-se do objeto semiológico que é a imagem, construída discursivamente, será necessário, de imediato, separar-se da ilusão de que uma imagem diz por si só. Assim como não se pode atingir um real da língua, não há também um real da imagem. Nem a pirataria de games dirá pela evidência de sua origem, nem a ação solidária da adolescente e até mesmo as imagens dos vídeos poderão controlar completamente os discursos. Parece que a clareza do que se tem é o leitor lidar com o dejetivo da letra e conformar-se com a completa escuridão. A produção escrita faz-se hoje nesse conflito que procuramos aqui apontar: a localização de pontos de saída no mapa dos infernos.



## Considerações finais

*É fato que o inferno da escrita não deixa de existir neste momento em que o sujeito aprende a palavra secreta para invocar a vida. Mas, também é fato que, ao ganhar mestria sobre este nome, aquele que se propõe a escrever encontra o mapa dos infernos e, com o auxílio deste artefato, nele entrará e sairá com um pouco mais de desenvoltura do que vinha fazendo quando caminhava na mais completa escuridão.*

(RIOLFI, 2011: 22.)

Com a travessia do percurso de escrita, as trevas só deram lugar quando raios apontaram a luz quanto da coleta e de análise de alguns dados discerniram o caminho. As chances de ficarem perdidos fizeram do parceiro do autor até aqui não correr pela titubeação alcoólica da curiosidade em

- a) especificamente, a continuidade e a ordem do discurso em relação às rupturas e revoluções na escrita digital demonstrar que o texto digital não difere destoadamente do texto manuscrito, costumeiramente lidos, por nós professores, de uma redação escolar;
- b) também com os dados coletados desta inicial pesquisa, demonstrar o modo de interferência do interdiscurso na elaboração sintática (como se dá a construção frasal em relação às orações subordinadas e coordenadas, o encaixamento e a pontuação) para esclarecer a relação com a escrita digital;
- c) ainda, demonstrar o modo de interferência da memória discursiva social de circulação rápida comumente colada nos textos escritos de maneira a congelar a criação de bons argumentos e de raciocínio singular;
- d) com isso, diagnosticar apontamentos sobre a relação do aluno com os textos digitais para elencarmos a(s) nova(s) maneira(s) de difusão da escrita de modo a construir elucidaciones acerca da metodologia de ensino de língua portuguesa para com o trabalho de leitura e de escrita em suporte eletrônico.

O que vimos até aqui foram escritas com a surpresa marca da memória discursiva na textualidade, o difícil desprendimento do sujeito de escrita ao fácil, comum e menos trabalhoso suor com as letras, para diminuir as distâncias entre o dejetivo e o escrito.

Na ilusão de diminuir essas distâncias, as posições subjetivas no texto do arquivo 1 analisado fincaram-se no assujeitamento do sentido mercadológico pela via da já-significação, em que se tem a ausência da responsabilida-



de subjetiva da criação quando da produção escrita. A repetição do discurso capitalista é elemento empírico de escrita o que fornece suficientemente para detectar o funcionamento do cognitivo e do psicoafetivo conforme a ordem simbólica majoritária, no caso a predominância discursiva regente de um sentido assujeitado ao majoritário capitalismo em que o corpo gramatical materializado na oração *Hoje, no Brasil, a cada dez jogos, 9 são piratas, e esse mercado cresceu 1600%, em 2005, alimentado por você.* implica a repetição desse discurso encarnado na função do escrito. O preço pago daquelas palavras corporificadas em letras é a realidade psíquica congelada consoante a mentalidade lucramente visionária.

No arquivo 2, nas sequências discursivas (i.) “[...] Vi sua mulher grávida lá fora e pensei que vocês pudessem precisar de ajuda”; (ii.) “Depois disso, percebi uma fila de caixas entrando na casa, todas carregadas por vizinhos sorridentes e que nem conhecia.” e (iii.) “Eu mal carreguei outras quatro cargas, e em menos de meia hora o caminhão estava vazio. Sem dúvida, tínhamos encontrado a casa dos nossos sonhos e os amigos de nossas vidas.”, resquiciamente se encontram elementos como (i.) vi isso, pensei em fazer algo; (ii.) percebi isso, algo foi feito, algo feito assim; e (iii.) mal carreguei isso, em pouco tempo isso estava assim, sem dúvida tínhamos isso. Essas ações são deslocadas de outros lugares como da solidariedade da criança em um vídeo e do macaco em outro, substituídas em solidariedade de uma adolescente desdobrada em pedir desculpas depois de um homem com caixotes de mudança em seus braços colidir em cadeira em movimento controlada por ela que queria apenas ajudar, já que avistara uma mulher grávida e um homem a fazer mudança para a casa que haviam comprado. A ação de solidariedade na narrativa é uma repetição deslocada e substituída das ações solidárias vistas nos vídeos, só que em outro processo metaforiconímico daquele visto nas imagens de solidariedade da criança em querer retirar a árvore no asfalto, caída durante uma tempestade, para os automóveis transitarem livremente a lugares de abrigo, enquanto se molhava ao fazer esforços e considerar poder retirá-la, e nas imagens do macaco solidário repartindo sua única banana com o outro macaco, posterior a recompensa de acertar a sequência das peças em um jogo.

O plano metonímico e metafórico representado pelos personagens adolescente, marido, esposa e vizinhos está constantemente em ação, “mas uma observação atenta mostra que, sob a influência dos modelos culturais, da personalidade e do estilo verbal, ora um, ora outro processo goza de preferência” (JAKOBSON, 2007: 55). Em preferencialmente se ter ora um, ora outro processo de gozo no momento de escrita é que faz com que se tenha a diferença em gestilo, gesto de capturar um determinado estilo na ilusão de tê-lo como seu, e o estilo resultado de letras suadas em criativo trabalho.



## Referências

BELINTANE, Claudemir. Subjetividades renitentes entre o oral e o escrito. In: REZENDE, N. C.; RIOLFI, R. C.; SEMEGHINI-SIQUEIRA, I. (Orgs.). *Linguagem e educação: Implicações técnicas, éticas e estéticas*. São Paulo: Humanitas, 2006. pp. 73-105.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

JAKOBSON, Roman. *Lingüística e Comunicação*. Prefácio de Izidoro Blikstein. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 24. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

LACAN, Jacques. (1975-1976). *Seminário, livro 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

\_\_\_\_\_. (1972-1973). *Seminário, livro 20: Mais, ainda*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

RIOLFI, C. R.; ROCHA, A. R.; ANDRADE DE JESUS, E. O sujeito e o trabalho da escrita: perseguindo os meandros do ato de escrever. In: REZENDE, N. C.; RIOLFI, R. C.; SEMEGHINI-

SIQUEIRA, I. (Orgs.). *Linguagem e educação: Implicações técnicas, éticas e estéticas*. São Paulo: Humanitas, 2006. pp. 35-72.

RIOLFI, C. Lições da coragem: o inferno da escrita. In: RIOLFI, C; BARZOTTO, V. (Orgs.). *O inferno da escrita: produção escrita e psicanálise*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. pp. 11-31.

## Referências eletrônicas

<http://jezfiredacoes.blogspot.com/>

<http://www.uniabeu.edu.br/blog/projetoredacao/>